

Leonardo Alves



Atuei em São Paulo até 2008 e, como considero o Pará a minha casa, e o mercado estava completamente aberto e carente, resolvi arriscar profissionalmente.

Entrevista concedida a Adriano Degra

De que forma a iluminação se tornou sua principal atividade como arquiteto? Como foi seu ingresso nesta área?

Tudo aconteceu por acaso. Quando terminei o curso de arquitetura em Belém fui fazer pós-graduação em Curitiba; em um dos módulos, tive um contato com a área de iluminação e foi amor à primeira vista. Pude me aprofundar em uma área que até hoje as universidades ensinam muito superficialmente e percebi que o mercado tinha uma demanda muito grande de projetos de iluminação e pouquíssimos profissionais atuando na área. Então decidi correr atrás de escritórios que atuavam exclusivamente nessa área, mas quase todos ficavam na capital paulista e, após terminar a pós-graduação, decidi morar em São Paulo. Quando cheguei, em 2005, mandei o meu currículo e tive uma sorte muito grande de ser aceito no escritório Esther Stiller Consultoria em Iluminação. A partir do meu ingresso nesse escritório comecei a aprender realmente como atuar nessa área. Algo que nem um curso ou livros podem ensinar.

Você fez pós-graduação no Paraná e iniciou sua carreira em São Paulo. Como surgiu a ideia de criar um escritório de iluminação arquitetônica no norte do Brasil?

Trabalhei em São Paulo até o final de 2008 e estávamos realizando muitos projetos no norte do Brasil, então percebi que a região já estava se acostumando com o profissional dessa área. Como considero o Pará a minha casa, e o mercado estava completamente aberto e carente, resolvi largar tudo e arriscar profissionalmente.

Conte-nos como era o mercado de iluminação nesta região quando você iniciou e como está atualmente.

O mercado aqui era como ainda é hoje na maioria das cidades: quem fazia os projetos eram as lojas que vendiam luminárias. Então o cliente para ter o projeto em mãos é obrigado a comprar todos os produtos da loja. Quando cheguei fiz um trabalho de visitar muitos arquitetos para apresentar o meu escritório e em quase 100% dos casos recebi o relato que já estava na hora de ter esse tipo de serviço na região, pois muitas vezes os clientes querem ter a liberdade de comprar onde achar mais correto e justo. Atualmente, em obras de médio e grande porte, os arquitetos já informam ao cliente ou

investidor, a necessidade de um projeto de iluminação nas obras, portanto o mercado hoje está bastante aquecido.

Quais foram os trabalhos mais importantes da sua carreira até hoje?

Vou falar da minha carreira somente aqui no Pará, pois em São Paulo tive a oportunidade de trabalhar em obras em vários cantos do mundo. O Shopping Pátio Marabá, na cidade de Marabá, foi o meu primeiro grande projeto; a partir daí, muitas portas se abriram. Além disso, tivemos alguns outros projetos: o Hospital Jean Bittar; Loja Nana Store; Salão de eventos do Clube Assembleia Paraense e Terminal Hidroviário de Belém, todos em Belém.

Segundo a resolução N° 51 do CAU, somente arquitetos podem realizar projetos de arquitetura de iluminação. Você concorda com isso?

Concordo plenamente! Um projeto completo de arquitetura de iluminação não basta analisar somente a parte técnica, a área criativa é fundamental no resultado final. E analisando todas as profissões que envolvem um projeto, acredito mesmo que o arquiteto é o profissional mais qualificado para atuar nessa área. O arquiteto especializado em arquitetura de iluminação.

Além da iluminação, quais são suas outras paixões?

Futebol. Sou torcedor fanático do Clube do Remo. Além disso, adoro meus cães. Visitar livrarias também é um hobby para mim, passo horas dentro delas. ◀